



A IMPRENSA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO (1921-1922): O DISCURSO HIGIENISTA SOBRE A INFÂNCIA NA INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PARAHYBA DO NORTE

Alanna Maria Santos Borges

Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

alannam.borges@gmail.com

RESUMO

O presente artigo descreve os aspectos da Instrução Pública no nível primário na Parahyba do Norte no início do século XX, ampliando o entendimento sobre a organização escolar vigente, particularmente no que diz respeito à produtividade do discurso médico higienista na escola. O estudo realizado insere-se no campo de conhecimento sobre a História da Infância e da História Cultural da Educação, com foco nos discursos produzidos por um jornal pedagógico. Para isso a fonte utilizada para a pesquisa na área da História da Educação foi um impresso elaborado por professores que traz questões importantes para se pensar a instrução pública e a higiene escolar na Primeira República, sobretudo no período histórico de 1921 e 1922. Procuramos entender como se deu a Instrução Pública na Parahyba e o papel desempenhado pelos educadores a partir da análise das matérias jornalísticas que pretendiam disseminar as últimas novidades para embasar as ações higienizadoras na sociedade e na educação. A metodologia utilizada está ancorada na análise documental, segundo a abordagem da historiografia da educação e da análise de discurso, na perspectiva da História Cultural e das ferramentas de Michel Foucault, através da analítica de saber-poder, contemplados por outras fontes, de caráter bibliográfico. Os estudos realizados apontam a importância da fonte para a compreensão dos significados atribuídos à infância e as orientações de como deveria ser educada atendendo aos ditames da higiene, onde a escola propagou as ações higienizadoras no âmbito educacional, projetando um conjunto de normas e regras para uma sociedade parahybana saudável e educada.

Palavras-Chave: Higiene Escolar, Instrução Pública, Infância, Primeira República, Parahyba do Norte.



Introdução

O presente artigo é fruto do meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, e que se inscreve, por um lado, no campo da História Cultural da Educação e da Infância, e da Análise do Discurso, na perspectiva da analítica de Michel Foucault (FOUCAULT, 2000), ou seja, nas produções de poder-saber. Trata do discurso médico-higienista na Parahyba do Norte¹, entre os anos de 1921 e 1922 utilizando como fonte² o jornal O Educador – Orgam do Professorado Primario.

O interesse em pesquisar e estudar a história da infância na Parahyba nos impressos pedagógicos é apontar a constituição dos múltiplos discursos produzidos sobre um tempo, tempo este em que a sociedade elucidou preceitos sobre as crianças e a sua educação, a disciplina moral e dos corpos e entre outras questões durante o período escolar, estando associado aos preceitos higiênicos e eugenistas. Isto porque socialmente e historicamente se construiu saberes expectativas sociais em relação à formação dos indivíduos e a sua civilidade, bem como pela importância da temática abordada, além do jornal pedagógico ser fonte de pesquisas na literatura nacional, faltando investigações na Paraíba, sobretudo na perspectiva higienista.

As pesquisas realizadas apontam a representatividade da imprensa, sobretudo do jornal, como fonte e, no presente caso, a imprensa pedagógica, cujo discurso higienista é um indício do que pensava a sociedade parahybana sobre o processo educacional das crianças no período mencionado, configurado como Primeira República. Como espaço de produção de discursos e sentidos aborda temáticas relacionadas à educação, já que esse jornal foi produzido para professores, com a finalidade de se constituir em guias de suas ações.

Com o objetivo de investigar os discursos médico-higienistas produzidos sobre a infância escolar na Parahyba (1921-1922), procuramos analisar como foram se constituindo no cenário local, a produção e as práticas não discursivas sobre a infância e sua educação, associadas aos preceitos higiênicos e eugenistas.

No início realizamos a coleta documental e a escolha bibliográfica, as quais deram suporte aos objetivos e à temática escolhida, em busca dos documentos que se constituíram em fontes históricas para a pesquisa e que tratavam do discurso médico-higienista na escola.

¹ Com a saída dos Holandeses da Capital, o lugar passou a ser chamado de Parahyba do Norte, por causa do rio que foi e é o principal canal de acesso para outras localidades da região, e até hoje o principal do Estado. O nome assim permaneceu até o dia 26 de Julho de 1930. (Base de dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2016).

² Sobre a noção de fontes históricas, Cf. (PINSKY, 2008).



Escolhemos trabalhar como o jornal pedagógico O EDUCADOR – ORGAM DO PROFESSORADO PRIMARIO que circulou na Parahyba entre 1921 e 1922, o qual aborda, desde seu primeiro número e logo em sua primeira página matéria relacionado à higiene nas escolas destinadas às crianças da Parahyba. A análise da fonte pesquisada teve como referência a analítica de Michel Foucault, através das estratégias da arqueologia e da genealogia, segundo a análise do discurso, considerando sua produção em cenários das relações de poder-saber, seguindo duas etapas: análise do conteúdo propriamente dito e catalogação dos documentos. Sobre a importância do documento para a História, assevera Foucault (2000, p. 8):

A história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazerem falar estes rastros que, por si mesmos raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumento e que se desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinha sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos.

Nesse sentido, foram selecionadas todas as matérias que tratavam da higiene escolar e da preocupação das instituições escolares com o disciplinamento dos corpos e com a higiene mental e moral das crianças durante sua infância no período histórico abrangido.

A instrução pública e o discurso higienista sobre a infância presente no Jornal

A escola durante a Primeira República foi um espaço de implantação de uma nova ordem social, ou seja, um canal de propagação para o progresso da nação (ROCHA, 2003). Acreditava-se na implementação de um país civilizado e a educação foi vista nessa época como um recurso para solucionar os males existentes que dizimavam o nosso país, especificamente a população da Parahyba.

Sobre a importância da educação sanitária, declaram Souza e Vieira (1936, p. 13):

Effectivamente, as transformações no modo de vida, principalmente a partir dos últimos anos do século passado, e devidas não somente ao desenvolvimento verificado nos grandes centros, como às dificuldades crescentes com que lutam as populações pobres, trouxeram á tona grande numero de problemas de ordem social, cuja repercussão sobre a saúde pública tem sido consideravel.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Os ecos de mudanças propostos pelos republicanos chegaram na Parahyba do Norte com os novos ordenamentos políticos e sociais de um regime governamental com ideais desenvolvimentistas e emancipatórias. A instrução pública foi uma das principais discussões republicanas e a educação primária foi conduzida no jornal pelas melhorias no ensino e pela criação de jardins de infâncias e espaços adequados (prédios escolares) para a propagação da instrução.

A educação infantil e o cuidado social com a criança foram bastante discutidos durante o período republicano (KUHLMANN JR, 2002) nos jornais pedagógicos. Nessa ótica, o processo de escolarização tornou-se um dispositivo fundamental para a garantia da educação sanitária e da higienização da população. Através das práticas pedagógicas propostas pelo Educador, foram se configurando um novo modelo de ensino e a educação sanitária passou a ser difundida dentro e fora dos muros da escola, juntamente com os preceitos higiênicos que teve como intuito prevenir a sociedade do caos urbano que ameaçava os habitantes da região.

A educação e a consciência sanitária integraram as principais pautas nas instituições escolares parahyanas, inculcando através dela, na população e nas crianças, novas práticas e modos de vida:

Compreende-se que não basta sanear o ambiente. O homem alheio áhygiene é o maior viveiro de germens pathogenicos, e o mais activopopularizador de moléstias. Só ele mesmo, pela sua propria vontade, aquecida pela educação moral e orientadora pela instruçãohygienica, poderá estancar a fonte morbigena. (Almeida Junior, 1922, p. 180).

Os problemas existentes na sociedade parahybana, portanto, eram uma grande ameaça para os hábitos da população, e mais ainda, com a educação das crianças. Desse modo, foi preciso criar matérias jornalísticas, programas educacionais e argumentos que conscientizassem os indivíduos (JORNAL O EDUCADOR, 1921). As mazelas sociais do período foram enfrentadas por uma nova ordem educativa que resguardou a infância do cenário insalubre em que viviam.

Na instituição escolar, a sala de aula produziu articulações importantes para a reorganização da sociedade paraibana, como também, intervenções que buscavam a regeneração física, intelectual e moral do povo. Os discursos higienistas propagados pela escola atuaram fortemente na área educacional, produzindo e fazendo circular outros discursos sobre o equilíbrio dos indivíduos em vários aspectos, tendo como objetivo sanar as dificuldades geradas no campo pedagógico,



começando assim, pela instrução infantil, procurando oferecer à mesma, condições significativas e necessárias para o desenvolvimento das crianças, de modo a transformar a realidade social.

A escola intermediou as importantes mudanças no cenário republicano, ao fomentar a criação de um novo tipo de sujeito que pudesse ser útil para a atividade fabril, ensinando-os novas condutas e modelando-os de acordo com os seus fundamentos, pois:

A escola e a sala de aula foram cenários para a encenação dos *rituais de saúde*, por intermédio dos quais a *moderna ciência da higiene* procurava intervir sobre o aluno, esquadrinhando o seu corpo, relevando os seus modos e costumes, os *homens da ciência* buscavam produzir um espaço asséptico, ordenado, disciplinado e, ao mesmo tempo, corpos hígidos, física e moralmente. (ROCHA, 2003, p. 166, grifos do original).

Dessa maneira, compreendemos que a educação sanitária adentrou nas escolas buscando atingir a população paraibana não somente para fazê-la aceitar o ideário higienista, mas interceptá-la a seguir esses preceitos sobre a importância da transformação da sociedade a partir dos ensinamentos de higiene pessoal e pública, tendo por finalidade proporcionar uma vida sadia, ativa e produtiva dentro ideário higienista, ideário este que modificou todas as demandas sociais na cidade da Parahyba do Norte.

O ideário higienista na Parahyba do Norte.

As análises dos discursos sobre a infância no jornal pedagógico O Educador nos conduziu aos conteúdos jornalísticos apropriados com as concepções da higiene escolar e pública e o papel do médico na escola (o médico-higienista escolar e a inspetoria de higiene escolar). Tal perspectiva de análise nos possibilitou compreender o discurso médico-higienista, cujos enunciados centrais eram o cuidado social com a infância, sua moral, segundo o autor das matérias jornalísticas publicadas.



A importância da utilização de impressos, no caso particular deste estudo os jornais pedagógicos –, guardadas as devidas proporções sobre o que significavam e a importância concedida a esses dispositivos no tempo que compreende o estudo –, como fontes de pesquisa para os estudos em História da Educação vincula-se a estratégia de investigar os registros que os jornais faziam circular sobre a infância como categoria social na particularidade do cenário parahybano, e tem implicações que carecem que se problematize quanto à própria produção e circulação, pois:

Os impressos também selecionam, ordenam, estruturam o acontecido, os fatos. Estrategicamente, narram aquilo que passou, selecionando interesses, atuando num jogo desequilibrado de forças. Forjam, legitimam e retificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades. Operam na eleição dos fatos que chegam ao público, e na forma como os mesmos devem ser recebidos (LIMEIRA, 2012, p. 369).

A higiene escolar começa a ser discutida no jornal O Educador no dia 5 de Dezembro de 1921 e se estende até o dia 30 de Junho de 1922, com tiragem semanal, sempre expondo na primeira página matéria sobre a Higiene Escolar. O discurso higienista presente no jornal carrega as influências das questões do contexto social e pedagógico do tempo pesquisado, ou seja, as mudanças na educação e na sociedade, tendo em vista a necessidade de transformá-las segundo os preceitos europeus modernistas, através de estratégias para incutir nas crianças as práticas higiênicas, “libertando-as dos vícios” e das mazelas da sociedade.

A higiene escolar esteve nesse período interligada com a higiene pública, definida como um meio de propagar a prevenção das doenças e o cuidado com a saúde (controle das moléstias), a mente e o corpo. A escola, nessa perspectiva veio a se constituir um campo fundamental para a ação intervencionista do movimento higienista.

Nessa perspectiva se fez necessário a atuação dos médicos-higienistas no cotidiano escolar, buscando inculcar um padrão higiênico que possibilitasse uma ação salvacionista no desenvolvimento físico e mental na vida dos pequeninos, cabendo às educadoras sanitárias corrigir os maus hábitos de seus alunos e discipliná-los com ensinamentos higiênicos. Como destaca matéria do jornal:



O preceptor deve conhecer todas estas cousas e saber que a educação pode muitas vezes, senão modificar completamente o estado geral da crença, ao menos ter acção salutar sobre sua evolução. A educação physica deve suprir tanto quanto possivel as desigualdades hereditarias ou sociaes e dar as crenças o maximo da saude que possa adquirir. Em sua forma physiologica deve fazer parte do programma dos diversos estabelecimentos escolares, do mesmo modo que a educação intelectual e deve ficar sob a direcção techica dos medicos escolares, encarregados de registrar sobre as fixas sanitarias os resultados individuaes, determinando as indicções particulares.” (JORNAL O EDUCADOR, 1922, p.1).

Os higienistas adentraram as escolas buscando atingir a população sobre a importância da transformação da sociedade a partir dos ensinamentos de higiene pessoal e pública, tendo por finalidade proporcionar uma vida sadia, ativa e útil. Os ensinamentos pedagógicos aliados à higiene escolar se propunham ser o caminho “salvacionista” para os males existentes na sociedade parahybana, propondo-se atuar na mudança social de acordo a disciplinarização e o controle dos corpos e mentes para a formação de crianças robustas e aptas fisicamente para as diversas circunstâncias da vida.

As matérias jornalísticas do jornal O Educador sobre a higiene nas escolas parahybanas configuram um momento de constituição e apropriação do discurso médico-higienista sobre a educação e sobre a escola, centralizando-se na concepção de bem social da população: médicos e professores viam a escola como espaço coletivo disseminador dos males existentes que assolavam a sociedade, pois as condições sanitárias e higiênicas da Parahyba do Norte eram precárias, não havia controle sanitário e os cidadãos estavam sujeitos e expostos às doenças e epidemias.

Os médicos higienistas enxergavam a escola como uns meios para transformação dos males existentes e por esse motivo atuaram fortemente na área educacional, produzindo e fazendo circular discursos sobre o equilíbrio dos indivíduos em vários aspectos, tendo como objetivo sanar as dificuldades geradas no campo pedagógico, começando pela instrução infantil.

O jornal O Educador veiculava o discurso higienista sobre a estrutura física do ambiente escolar: era preciso que a higiene se fizesse presente em todos os espaços da escola (dimensões da sala de aula, construção do prédio, entrada do ar e mobílias), nas minúcias prescrições e detalhes notava-se um controle absoluto, ou seja, o higienismo se propunha esquadrihar a infância, corpos dóceis a serem governados, com o intuito de prevenir os desvios morais, físicos e intelectuais, dando relevância à elaboração de critérios para sanear a sociedade das problemáticas existentes, sendo este fator fundamental para transformar o país numa nação civilizada, moderna.



Assim, a Parahyba passou a afirmar o discurso médico como um caminho de prevenção para os males existentes na região. Através desse discurso e de sua concepção sanitária, a educação escolar e as crianças passaram a ser um objeto de ação higienizadora e moralizadora.

O ensino da higiene promoveu a medicalização da escola e dos corpos dos alunos, e a higiene passou a ser responsável pelo bom funcionamento do corpo, ressaltando os cuidados com suas partes individualizadas, sendo a escola o principal local para a reprodução das ações higienistas, bem como um lugar ideal para a formação dos indivíduos.

A ciência médica higienista no seu campo discursivo criou um aparato preventivo para o bom funcionamento da intervenção sanitária na tentativa de reorganizar os espaços públicos com métodos disciplinadores. Tais medidas contribuíram para inspecionar os ambientes públicos, colocando normas para aquilo que poderia pôr em risco a saúde pública. Para assegurar a salubridade, as doenças do corpo e da mente e todas as ordens de questão comportamental, bem como o controle dos espaços urbanos, as inspetorias de higiene atuaram fortemente na sociedade, aplicando seus procedimentos médicos, pedagógicos e educativos como instrumento de combate aos problemas sociais.

A disciplinarização conduzida pelo higienismo revelou táticas de vigilância com o espaço social. Essa vigilância atuou como um dispositivo sobre o sujeito a ser controlado, onde tais mecanismos foram legitimados e institucionalizados pelos discursos proferidos e emanados nas matérias jornalísticas da fonte pesquisada. Para a garantia do bom funcionamento do projeto higienista se fez necessário a atuação constante da vigilância sanitária nos espaços urbanos, cumprindo o dever de eliminar os riscos para a propagação das mazelas.

Assim, o poder institucional normatizava as ordens higiênicas emitidas pelas inspetorias, ditando assim uma ordenação geral pelo discurso médico-higienista, certificando a medicina como um meio legítimo e disciplinador para o cuidado social e com a saúde.



Conclusão

As intervenções dos discursos médicos-higienistas na Parahyba do Norte em tempos republicanos colocaram em movimento práticas sobre a necessidade da civilidade e progresso social, sujeitando os sistemas de controle social e do corpo para os hábitos e vigilância sanitária. O higienismo ressaltou o cuidado social por meio da saúde como avanço para sanear as mazelas existentes nos espaços urbanos, abordando a disciplinarização com meio atuante para erradicação dos comportamentos desviantes, visando o futuro com cidadãos puros e saudáveis.

Com base nos resultados e nas discussões que realizamos sobre as matérias que foram escritas no Jornal O Educador - Órgão do Professorado Primário entre os anos de 1921 e 1922, explicitamos as representações divulgadas no periódico, como também, percebemos que o discurso higienista, a instrução pública e o cuidado social sempre estiveram expostos no jornal como ideais, procedimentos e hábitos que deveriam ser seguidos e que mudariam a rotina dos habitantes da Parahyba do Norte.

Os conteúdos estudados buscou expressar os discursos proferidos pela sociedade sobre a higiene escolar e pública e o processo de mudança sofrido pelos sujeitos no decurso do processo de higienização nos espaços públicos e privado. Vimos também que o jornal pesquisado criou páginas importantes para entendermos o contexto social da época, embora, por muitas vezes as autorias de tais escritos fossem repetidas, o que demonstra que apenas um pequeno grupo de escritores tinha o espaço garantido no jornal.

. O cenário apresentado na pesquisa caracteriza o discurso higienista na Parahyba mostrando-nos a ordenação dos sujeitos pelas instituições escolares, através das estratégias de regulação e controle efetivadas pelas ações de poder e saber estabelecidos pelos poderes vigentes (República) sobre a população, e, principalmente, sobre a infância.

É assim que, no início do Século XX, os temas dos debates e as preocupações de quem estava no ofício de educar se assemelhavam, em vários aspectos, como pode ser visto em outras pesquisas nacionais. Desse modo pensamos estar contribuindo com as pesquisas em História da Educação da Paraíba, sobretudo valorizando o jornal pedagógico como fonte, no campo temático do discurso higienista sobre a infância.



Referências

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. Ed – São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 2000.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KUHLMANN JR. Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. 192p.

LIMEIRA, Aline de M. **Impressos: veículos de publicidades, fontes para história da educação**. Cadernos de História da Educação – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

QUEIROGA, Maria do Socorro Nóbrega. Republicanismo na Paraíba e discursos sobre a infância escolar. In: PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler. **Histórias da educação da Paraíba: rememorar e comemorar**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

Fonte

Jornal O Educador : Organ do Professorado Primario. Anno I e II. Numero I ao XXXVII. Parahyba do Norte, 1921 e 1922.